POESIA PARA OS OLHOS E OS OUVIDOS[1]

Neide Medeiros Santos[2]
Graça Lins[3]

> *Leitura-prazer, em se tratando de obra literária para crianças, é aquela capaz de provocar riso, emoção e empatia com a história, fazendo o leitor voltar mais vezes ao texto para sentir as mesmas emoções. É aquela leitura que permite ao leitor viajar no mundo do sonho, da fantasia e da imaginação...*
>
> (Maria Alexandre de Oliveira)

Os professores falam sempre da dificuldade que sentem em trabalhar com a poesia em sala de aula. Sabemos que o texto poético é sintético, às vezes hermético e geralmente simbólico. A soma desses fatores exige mais reflexão por parte dos professores e dos alunos, e como vivemos em um mundo de "apressados" a poesia desponta como o momento da descontração, da calma, da não pressa, do fazer pensar. O texto narrativo é mais linear, há um encadeamento lógico dos acontecimentos. Nos contos de fada, tudo se inicia com "era uma vez" e termina geralmente com a fórmula mágica "e foram felizes para sempre". O texto poético foge a esse padrão, nele encontramos o sem sentido, o ambíguo, o obscuro, o

---

[1] Texto apresentado no curso *Poesia para os olhos e os ouvidos – como ler e trabalhar a poesia em sala de aula.* Recife, 23/03/2002. Livraria Paulinas, Programação Cultural, Recife 2002.

[2] Neide Medeiros Santos é doutora em Estudos Literários (UNESP/Car), articulista do Correinho das Artes e crítica de literatura infanto-juvenil, membro-votante da FNLIJ, responsável pela parte teórica do trabalho.

[3] Graça Lins é professora da rede oficial de ensino da Secretaria de Educação de Pernambuco, Recife, especialista em Literatura Infantil e membro-votante da FNLIJ, responsável pela dinâmica compartilhada das atividades da oficina.

sugerido, mas são esses fatores que dão beleza e tornam o poema instigante.

O poema elaborado esteticamente é literatura, é obra de arte que deve ser caracterizada pela plurissignificação de linguagem, pela originalidade. Marcado pela linguagem conotativa, o poema possibilita vários níveis de leitura, diferentes modos de ler.

Uma pergunta que sempre fazemos aos professores quando lidamos com poesia para crianças é esta: será que as crianças não gostam de poesia ou a culpa é dos adultos? Para responder a essa pergunta, recorremos ao poeta Carlos Drummond de Andrade que, no artigo "A educação do ser poético",[4] reconhece o lado menineiro da poesia, depois abandonado pelo adulto:

> Por que motivo as crianças de modo geral são poetas e, com o tempo, deixam de sê-lo? Será a poesia um estado de infância relacionado com a necessidade do jogo, a ausência do conhecimento livresco, a despreocupação com os mandamentos práticos do viver – estado de pureza da mente, em suma? Acho que é um pouco de tudo isso, e mais do que isso, pois lá encontra expressão cândida na meninice, pode expandir-se pelo tempo afora, conciliada com a experiência o senso crítico, a consciência estética dos que compõem ou absorvem poesia.

O nosso poeta maior admite que as crianças gostam de poesia e podemos comprovar essa assertiva com o prazer que os pequenos sentem em recitar quadrinhas, repetir parlendas e sobretudo em decorar pequenos poemas com rimas. A musicalidade da poesia é uma grande atração. O jogo com as palavras, as brincadeiras rimadas, adivinhações, as cantigas de roda, tudo é motivo para satisfação.

O escritor Elias José, em artigo publicado no catálogo infantil e juvenil, da editora Paulus, com o título A importância da

[4] O artigo *A educação do ser poético* foi transcrito do livro *Poesia infantil* de Maria da Glória Bordini. Cf: BORDINI, Maria da Glória. *Poesia infantil*. São Paulo: Ática, 1986, p. 55.

poesia[5], apresenta seis funções que passamos a enumerá-las: *função cognitiva, função social, política e ideológica, função catártica, função lúdica, função estética e função pragmática ou didática.* Vejamos com detalhes como caracterizar essas funções:

> *A função cognitiva fala ao espírito, enriquece-o. As funções social, política e ideológica retratam, de modo implícito (quando explícita, perde a qualidade) os dramas sociais. A poesia tem função cartártica mexe com o nosso interior, coloca-nos de frente com os nossos fantasmas, leva-nos a uma processo de identificação e/ou de projeção com o "eu lírico" que o poema expõe. A poesia tem função lúdica, pois é um jogo encantatório com as palavras, com os aspectos visuais e auditivos do poema. Sobretudo, a poesia tem função estética, é literatura, obra de arte, recriação da realidade, criação de uma supra-realidade, segundo a visão, a vivência e a emoção do poeta.*
>
> *Por fim, o poema pode, ainda, ter uma função pragmática ou didática, desde que o ensinar venha de modo implícito para o poema não se tornar panfleto nem material didático. (p.9)*

Elias José, que também é poeta, apresenta-nos, de forma bem acessível, seis funções da poesia. O leitor pode refletir sobre cada uma dessas funções e chegar a conclusão da importância e da necessidade da poesia em nossas vidas. A poesia é obra de arte que provoca emoções, diverte e traz conhecimentos.

O professor Hélder Pinheiro, no livro *Poesia em sala de aula,*[6] apresenta três normas que o leitor deve seguir na leitura de um poema lírico. Essas normas foram extraídas do livro *A arte de ler* de Adler & Van Doren.

[5] O texto de Elias José se encontra no catálogo infantil e juvenil da editora Paulus. Cf: JOSÉ, Elias. "A importância da poesia". São Paulo: Catálogo infantil e juvenil da editora Paulus, 2001, p. 9

[6] O professor Hélder Pinheiro apresenta as normas de leitura do texto poético no livro *Poesia na sala de aula*. Cf: PINHEIRO, Hélder. *Poesia na sala de aula*. João Pessoa: Idéia, 1995, pp. 31/32.

A primeira norma é ler o poema todo sem parar, quer você ache que entenda, quer não. Para os autores "os embaraços que tantas pessoas parecem sentir ao ler poemas, sobretudo os difíceis poemas modernos, resultam da não aplicação dessa primeira norma".

A segunda norma é esta: "Leia o poema todo novamente – mas leia-o em voz alta (...) Você verificará, quando ler o poema em voz alta, que o próprio ato de pronunciar as palavras obriga-o a entendê-las melhor.

A terceira sugestão consiste em procurar responder determinadas perguntas: "Por que certas palavras saltam do poema e atraem a atenção? Será por causa do ritmo? Ou da rima? Ou são palavras repetidas? Várias estrofes parecem referir-se às mesmas idéias; sendo assim, essas idéias seguem algum tipo de seqüência? Qualquer coisa que você puder descobrir concorrerá para seu entendimento.". (pp. 31/32).

Hélder Pinheiro elenca essas normas, mas reconhece que o leitor pode criar seu próprio método de leitura, enriquecendo-o com as experiências alheias.

Depois da explicação de Drummond sobre o gosto das crianças pela poesia, das funções poéticas de Elias José e das normas sugeridas por Hélder Pinheiro, apresentaremos alguns rituais que poderão ser seguidos pelo professor para que a poesia não se torne indesejada na sala de aula...

1º Tome um livro de poesia e passe as folhas com delicadeza como se fosse um objeto amado. Lembre-se de que a poesia é muito mais para ser sentida do que compreendida.

2º Procure ler o texto poético despreocupadamente sem querer descobrir o mistério que as palavras encerram.

3º Após a leitura do livro como um todo, volte e releia aqueles poemas que deixaram marcas. Ouça a voz do texto.

4º Procure uma explicação para a empatia com o poema que deixou marcas.

5º Memorize o poema amado. Se não for possível memorizá-lo todo, memorize alguns versos, se não conseguir, pense em uma frase ou uma palavra desse poema que lhe tocou mais profundamente. Reflita sobre o poema escolhido.

6º Leve o poema para a sala de aula, faça uma leitura expressiva, essa leitura irá encantar os alunos, pois o poema será recitado com prazer e paixão e todos sairão da aula satisfeitos – professor e aluno.

Seguindo esse ritual, o professor irá descortinando alguns véus que envolvem os poemas de Carlos Drummond de Andrade, Bandeira, Quintana, Cecília Meireles e de muitos outros poetas que, através da palavra, "reinventam a vida". Esses poetas nos ensinam que a poesia é o verbo que se faz palavra .

Para concluir o suporte teórico que indica caminhos para a leitura do texto poético, parafraseamos o poeta Carlos Drummond de Andrade e convidamos o leitor a *penetrar surdamente no reino das palavras, aprender novas palavras e tornar outras mais belas.*

A segunda parte do nosso trabalho envolve a dinâmica que pode ser utilizada pelo professor em sala de aula com livros de literatura infanto-juvenil – é a parte prática.

O corpus escolhido para demonstrar a viabilidade da leitura para os olhos e ouvidos recaiu na coleção *Viola Quebrada* da Editora Paulinas, um conjunto de três livros com histórias rimadas e bem-humoradas protagonizadas por animais domésticos e insetos. A autora May Shuravel, que também é ilustradora da coleção, utilizou cantigas de roda e criou diálogos interessantes entre os personagens. Os livros dessa coleção foram selecionados para o catálogo da Feira de Livros Infantis de Bologna (Bologna Children Book Fair 2002) e incluído no "Acervo Básico Criança" da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil 2002.

O livro trabalhado na oficina foi *A mentira da barata* que proporciona uma boa interação entre o dinamizador (o professor) e os participantes (os alunos). *A mentira da barata* é uma recriação

da cantiga de roda *A barata*. A estratégia utilizada foi a leitura compartilhada que seguiu os seguintes passos:

Apresentação dos elementos contextualizadores do livro (capa, ilustrações, autor, editora, indicações catalográficas).

Leitura das imagens (passar as páginas observando as ilustrações, refletir sobre a atuação dos personagens).

Estímulo ao grupo, solicitando para a definição da escolha dos personagens. Nessa parte, os participantes farão a escolha, um será o rato, outro a barata e assim todos os figurantes da história serão representados através da fala musical.

Distribuição com o grupo de trechos da fala que serão incluídos na seqüência da leitura.

Realização da leitura do poema cantando as seguintes falas:

RATO: A barata diz que tem sete sais de filó.
É mentira da barata, ela tem é uma só.
FORMIGUINHAS: Há!.Há! Há! Hó! Hó! Hó!
Ela tem é uma só.(repetir)

LAGARTIXA: A barata diz que tem um anel de formatura
É mentira da barata, ela tem é casca dura.
RATO: Há! Há! Há! Hó! Hó! Hó!
Ela tem é casca dura.

FORMIGUINHAS: A barata diz que tem o cabelo cacheado.
É mentira da barata, ela tem é pé rachado.

RATO: Há! Há! Há! Hó! Hó! Hó!
Ela tem é pé rachado. (repetir)

RATO, LAGARTIXAS, FORMIGAS:
Detestamos falsidade!
Só gostamos da verdade,
e você vive mentindo.

BARATA: Peço perdão a vocês, eu menti mais de uma vez,
tenho mesmo esse defeito.

Tenho mesmo essa mania
de inventar riqueza,
de procurar beleza
no meio da porcaria.

RATO: Ai, que barata metida!
Você é nojenta e fedida,
e não merece perdão.

LUA: A mentira é um defeito, ninguém pode duvidar,
mas também não é perfeito,
quem não sabe perdoar...

É barata, já é hora de sair dessa rodinha,
Ir pra longe, sem demora, dessa gente tão mesquinha.

MOMENTO FINAL: Lua e barata saem de mão dadas e o grupo canta a música inteira.

OUTRAS SUGESTÕES:

Elaborar diálogos imaginários entre outros personagens: lagartixa e rato, formiga e barata,

Recriar a história introduzindo novos personagens: gato, cachorro, raposa, galo, macaco.

Estimular o grupo solicitando que apresentem outras cantigas de roda que pertençam a infância musical da criança.

Organizar uma roda de leitores para uma discussão instigante:

Se você fosse a lua, daria apoio à barata?
Como seria a vida da barata em um castelo?
Você daria um outro final para a história da barata?

Essas sugestões são dirigidas às classes do ensino fundamental (1ª. e 4ª. séries).

Sabemos que há muitas maneiras de ler a poesia em sala de aula, esta é uma sugestão que utiliza a dinâmica de leitura compartilhada, cabe ao professor, educador ou bibliotecário aperfeiçoar e criar novas técnicas. A semente está lançada, que brotem árvores e dêem bons frutos.

REFERÊNCIAS

BORDINI, Maria da Glória. *Poesia infantil*. São Paulo: Ática, 1986.
JOSÉ, Elias. *A importância da poesia*. Catálogo infantil e juvenil da editora Paulus. São Paulo, 2001.
KIRINUS, Glória. *Criança e Poesia na pedagogia de Freinet*. São Paulo: Paulinas, 1998.
OLIVEIRA, Maria Alexandre de. *Leitura-prazer; interação participativa com a literatura infantil na escola*. São Paulo: Paulinas, 1996 (Coleção Comunicar)
PINHEIRO, Hélder. *Poesia na sala de aula*. João Pessoa: Idéia, 1995.
SHURAVEL, May. *A mentira da barata*. São Paulo: Paulinas, 2001 (Coleção Viola Quebrada)